

UM DEBATE SOBRE A BUSCA PELA FELICIDADE “PLENA” DO BERÇO DA FILOSOFIA OCIDENTAL AO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO.

Mateus Dantas Cabral; Gabrielle Sanches Cabral; Vinicius Moraes de Souza; Emmanoel de Almeida Rufino.

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba;
mateusdcabral@hotmail.com; gabi.sanchesc@gmail.com; viniciusmoraissouza@gmail.com;
emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.*

Resumo: O indivíduo contemporâneo é constantemente incentivado a buscar a felicidade, tê-la como objetivo último, o qual deveria ser alcançado através de algum meio específico. Os caminhos propostos são diversos: através de bens materiais, do trabalho, da família, da sabedoria, ou talvez até mesmo de todos esses meios conjuntamente. Dentro desse contexto lógico, os indivíduos ficam perdidos entre diversos meios, que lhe prometem sua satisfação pessoal e social. Pairam então sobre eles diversas dúvidas, tais como: a felicidade é o objetivo último da vida? Como posso alcançar a felicidade? A felicidade pode ser plena? Com essas dúvidas em mente e sem respostas, eles são pressionados (psicológica e socialmente) a seguir um caminho que lhes prometa uma satisfação plena para suas vidas. No mundo contemporâneo, é comum encontrar pessoas entristecidas, decepcionadas, frustradas e até mesmo deprimidas por acreditar que fracassaram em ter uma tão sonhada vida feliz, tendo em vista que projetaram tal propósito para si mesmos durante toda sua vida que, em muitos momentos, é vista como inalcançável e, em outros, como um direito básico. Diante disso, este trabalho visa apresentar diversas formas de pensar a busca pela felicidade, seja ela plena ou não. Para tanto, optamos por trazer ideias de pensadores humanistas que consideramos muito importantes para compreender essa preocupação que permeia por séculos a humanidade. Para esse intento, nossa opção epistêmico-metodológica previu um recorte de pensadores dispostos em três diferentes épocas: na Antiguidade clássica trabalharemos Aristóteles, Epicuro e Sêneca; na modernidade trabalharemos com Schopenhauer; na contemporaneidade, Bauman e Sartre. Optamos por tais autores, considerando que a exposição de suas ideias pode clarear os caminhos da felicidade para o sujeito contemporâneo, já que suas indagações críticas – a esse respeito – provocam-no à ressignificação de sua posição diante da existência. Diante de tais leituras, podemos chegar na conclusão que o ser humano acaba encontrando mais sofrimento e desconforto na sua busca pela felicidade plena, pois acaba fadado à procura por algo que não pode ser encontrado. Pois a felicidade não se trata de algo constante, mas sim algo que pode ser encontrado e reencontrado em diversos momentos, e que podemos estar sempre procurando. A sociedade contemporânea tem a base um certo estereótipo de felicidade, pois vemos a ideologia de um mercado de consumo que nos promete uma certa satisfação pessoal, a partir dos relatos das experiências individuais de pessoas aparentemente bem-sucedidas, nesse sentido os sujeitos repassam a felicidade como o produto de uma receita, quando na verdade esse sentimento possui um caráter limitado pois as experiências individuais não partilham das mesmas satisfações.

Palavras-chave: Busca pela felicidade, Felicidade plena, Sociedade contemporânea.

Introdução:

As relações dos seres humanos com a felicidade na contemporaneidade não parecem ser bem-sucedidas em sua maioria, percebemos indivíduos frustrados com as experiências vivenciadas no cotidiano e se encontram cercados em um mar de desilusão midiático que a todo tempo constrói uma figura de seres felizes cercados por seus bens materiais e bem relacionados socialmente, porém os sujeitos contemporâneos não alcançam o mesmo êxito ao tentar alcançar esses objetivos e procuram se assimilar a estes modelos representados.

Após a passagem da modernidade à contemporaneidade, vemos a assimilação do caráter consumista na sociedade. Os modelos de vida feliz apresentados pela mídia são ligados à acumulação de capital, e desse modo cria-se a ideia de uma ligação entre o ser e o ter onde cada vez mais pessoas seguem a ideia de que o acúmulo de bens materiais significa uma melhoria na qualidade de vida e conseqüentemente ter uma vida mais feliz.

Ao se verem longe de uma vida feliz os sujeitos contemporâneos tendem a se tornarem menos propensos a novas experiências e reclusos em sua própria forma de ver o mundo. Desacreditados do alcance de seu objetivo inicial, presos em uma realidade de dores e sofrimentos buscam na experiência alheia uma forma de ser mais bem-sucedidos na busca pela felicidade. Assim sendo, o artigo busca contribuir para um melhor entendimento acerca das relações dos indivíduos contemporâneos com a felicidade, aperfeiçoando assim a qualidade de vida dos sujeitos e suas relações com a sociedade e o meio. Além disso, busca desvirtuar a ligação entre o ser e o ter, propiciando uma abertura de pensamento aos sujeitos contemporâneos, pois os liberta da busca insaciável pelo acúmulo de capital.

Primeiramente procuramos esclarecer o desenvolvimento das relações humanas com esse sentimento na era clássica e na modernidade, visando obter um melhor entendimento das relações dos seres humanos com a felicidade durante o desenvolvimento da sociedade. Após fazermos isso, procuramos refletir sobre o modo como se encontram essas relações na contemporaneidade e da criação das sociedades de consumo a partir da análise da conjuntura atual de modo a esclarecer alguns pontos importantes para a discussão futura. Por fim buscamos obter um melhor entendimento sobre a felicidade, da sua relação com o acúmulo de bens, da perspectiva do ser contemporâneo em torno da conquista desse sentimento, e dos diferentes e complexos modos de alcançá-la.

Na atualidade, as pesquisas em torno da felicidade têm o objetivo de facilitar a obtenção desse sentimento, já que em sua maioria os indivíduos

veem a felicidade como objetivo último de suas vidas. Porém os caminhos adotados para alcançar essa meta muitas vezes partem da tentativa da criação de um caminho único e rápido, a partir da experiência pessoal de um indivíduo que se considera mais bem-sucedido em relação à felicidade. Desse modo, ao obter um maior nível de compreensão do desenvolvimento da relação entre esse sentimento e os sujeitos contemporâneos, podemos desconstruir esse ideal a partir da criação de um caminho que se alinhe com as experiências próprias dos indivíduos, levando em consideração todas as variáveis que são deixadas de lado pela primeira teoria. Assim sendo, este artigo apresenta discussões essenciais para uma melhor compreensão da felicidade, de modo a tornar a vida dos seres mais satisfatória.

Metodologia:

Com o objetivo de obter um maior esclarecimento da relação dos indivíduos contemporâneos com a felicidade e do modo como se deu o contato entre eles durante o desenvolvimento do pensamento ocidental procuramos uma base a partir de pensadores de três diferentes épocas e, a partir do confronto de suas ideias com a nossa percepção individual da realidade atual, procuramos elucidar alguns aspectos essenciais para que seja possível uma ligação mais efetiva entre os envolvidos.

Durante o berço do pensamento ocidental (na era clássica da Antiguidade grega), o entendimento dos indivíduos comuns sobre a felicidade era primitivo e ligado a uma visão pessimista em relação à vida. A mudança de pensamento em torno da felicidade só se deu após alguns pensadores gregos, que buscando entender melhor as características desse sentimento, modificaram o pensamento da sociedade da época em relação à felicidade. Tendo em vista os pontos abordados anteriormente, escolhemos abordar as obras de Epicuro e Sêneca para compreender como o tema da felicidade era pensado na Antiguidade. De Epicuro utilizaremos a obra: “Cartas sobre a felicidade” (2002) e, de Sêneca, a obra “Sobre a tranquilidade da Alma” (2014).

Na segunda parte do estudo trabalhamos com um pensador moderno: Schopenhauer. Esse filósofo detinha uma visão da felicidade considerada por muitos como pessimista e esse pensamento é algo bastante difundido na modernidade. Os sujeitos cada vez mais concentrados no ambiente urbano e com longas jornadas de trabalho são características indissociáveis desse período histórico. Por tal razão, escolhemos trabalhar com as referidas obras por acreditarmos que o pensamento desse período histórico pode ser melhor entendido por meio do confronto das suas ideias e percepções de mundo.

Em consideração ao estudo da modernidade expomos as ideias de Arthur Schopenhauer em suas obras “As Dores do Mundo” (1997) e “O Mundo como Vontade e Representação” (2010).

Nas obras referentes aos autores Contemporâneos trabalhamos com “Modernidade Líquida” (2001) e “A Arte da Vida” (2009) de Bauman, e com as seguintes obras de Sartre: “A Náusea” (2015), “O ser e o nada” (2005) e “O existencialismo é um humanismo” (2012), tendo em vista que tais obras revelarem – de modo preeminente – aspectos do múltiplo e polêmico tratamento contemporâneo ao tema felicidade.

Resultados e Discussão:

O berço da filosofia ocidental se dá na era da Antiguidade Clássica, e nesta vemos o início do desenvolvimento das relações da felicidade com os sujeitos, por meio das de Epicuro e Sêneca. Epicuro acreditava que o caminho para a felicidade precisava envolver a filosofia, como ele diz logo no começo de sua carta: "Quem afirma que a hora de se dedicar à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz" (EPICURO, 2002, p. 21). Acreditava que o uso da filosofia deveria se dedicar à felicidade, pois esta seria nosso objetivo último, ou como ele diz "é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando este presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la." (EPICURO, 2002, p.23). Na carta, dirigida a um de seus discípulos, Epicuro aconselha-o a seguir seus ensinamentos, pois estes constituiriam os elementos fundamentais para uma vida feliz, ou seja, ele trata a partir de então, a demonstrar como seus ensinamentos podem servir como forma de se ter uma direção para a felicidade.

Seu primeiro ensinamento é de rejeitar a imagem popular a respeito das divindades como seres castigadores, pois estes seriam falsos juízes e é preciso atribuir às divindades apenas imagens compatíveis ao seu verdadeiro caráter, que seria imortal e bem-aventurado, sugerindo que "não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança" (EPICURO, 2002, p. 23). Após isso, Epicuro chama atenção de que a morte não deveria ser algo a se temer. Para Epicuro todo bem e todo o mal estão nas nossas sensações, e estas são propriedades da vida, e diz "Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver" (EPICURO, 2002, p. 27). Ao passo que não devemos temer a morte, também é desejável não ter desgosto pela vida, e Epicuro diz que para um sábio "viver não é um fardo e não-viver não é um mal." (EPICURO, 2002, p. 31).

O filósofo recomenda entender seus desejos como uma forma de direcionar suas escolhas buscando a saúde do corpo e a serenidade do espírito, com o objetivo de nos tornarmos distantes do sofrimento, seja este manifesto especificamente através de dores, ou através de perturbações. Para se estar satisfeito, é necessário alcançar esse estado, um estado onde não se precisa ir em busca de algo, a não ser que seja o bem-estar do corpo e do espírito, portanto é preciso saber escolher quais prazeres priorizamos. Por isso Epicuro nos diz: "Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos" (EPICURO, 2002 p. 39).

Ele dá a recomendação de nos contentarmos com os prazeres simples, e não nos lançarmos numa busca pelo muito, transformando nossa vida numa vida boa não através do luxo, mas do controle dos nossos prazeres simples. O prazer a ser buscado não deve ser instantâneo, relacionado ao sentir, mas sim na ausência de perturbações e dores, no corpo e na alma. É necessário ter prudência, pois com prudência pode se apreciar o belo e o justo, para então poder ser feliz, pois "as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas." (EPICURO, 2002 p.47).

Conclui dizendo para o seu discípulo que este não deve viver entre os bens mortais, mas sim viver com seus semelhantes, com meditação, e assim, conseguirá viver entre os bens imortais.

Sêneca acreditava que o homem deveria seguir um caminho para alcançar a felicidade que o diferenciava da sociedade, pois as pessoas seguiriam buscando desejos que estão além do seu alcance, utilizando-se do senso comum e se conformando com prazeres instantâneos. Segundo Sêneca, o indivíduo deveria se apegar a razão, já que essa pertence a sua natureza, a qual o homem não deve se distanciar, e desse modo ele alcançaria a tranquilidade da alma o que seria essencial para um convívio saudável em sociedade.

Portanto, o indivíduo alcançaria a tranquilidade da alma ao resignar-se a suas habilidades, forças e ao seu contexto mesmo que se encontrasse em condições precárias. Nesse sentido o filósofo diz "É preciso acostumar-se à sua condição, queixar-se dela o mínimo possível e agarrar toda vantagem que ela tenha em torno de si. Nada é tão amargo que uma alma resignada não encontre ali algum motivo de reconforto". (SENECA, 2014 p. 134).

Ao confrontar as situações do cotidiano, o sujeito somente levaria uma vida infeliz e orientada rumo ao declínio moral se escolhesse por tomar atitudes contrárias ao seu destino. Sêneca acredita que o indivíduo deveria ser guiado pela razão e não pelos seus desejos, além disso, o sujeito deveria levar suas tarefas do cotidiano de modo a equilibrar tanto as ocupações que serviriam para melhorar a sociedade, ou seja, o

modo como indivíduo contribui para o crescimento da sociedade como também as tarefas voltadas para o divertimento próprio.

Ele também relata que o acúmulo de bens materiais não caminha ao lado da felicidade, para Sêneca um homem que encontrou sua satisfação pessoal ao alcançar o suficiente para viver seria mais feliz o que um homem que se possui abundância em objetos materiais, porém ainda fosse escravo dos seus desejos. Ele acredita que alcançar virtude moral e resignar-se a razão é mais importante para a tranquilidade da alma, do que o acúmulo incessável de bens materiais. Desse modo, ele aconselha: “Assim, devemos refletir sobre quanto é mais leve a dor de não ter do que a de perder, e entenderemos que para a pobreza é tanto menor o motivo de tormento quanto é menor o de perda. Erras, pois, se achas que os ricos suportam reveses com mais ânimo: para os corpos maiores e para os menores é igual a dor de um ferimento” (SENECA, 2014, p.132).

Sêneca determina que o caminho seguido pelo indivíduo para o alcance da tranquilidade da alma deve ser guiado tanto por um caráter moderativo em torno das suas escolhas, quanto por um caráter racional em seus atos, de modo a não sobrecarregar de tarefas o corpo e manter a mente lúcida.

Em relação ao objetivo de analisar a felicidade na modernidade, a obra schopenhaueriana demonstra um sublime entendimento no tocante as relações dos indivíduos com a sociedade, e a imposições sociais em referência à busca da felicidade. Desta maneira, esclarecemos alguns pontos indispensáveis em suas obras para uma melhor compreensão do tema.

Os desejos humanos, segundo Schopenhauer, são regidos pela vontade e seriam o ponto central da existência, pois a natureza dos seres fariam com que as nossas ações tenham o intuito de satisfazê-los. A busca pela satisfação é barrada pelas dificuldades apresentadas no mundo, o que torna o alcance total dos nossos desejos impossíveis e conseqüentemente torna a vida uma sucessão de sofrimento com alguns pontos de prazer. Pode-se comparar a um pêndulo onde os pontos extremos seriam a satisfação da vontade, porém logo ele retorna à posição original e assim continua o ciclo.

Ao longo da existência humana cria-se uma busca por formas de fugir à realidade e das conseqüentes decepções e dores, dentro desse contexto se apresentam a religiões, as drogas alucinógenas e a pornografia, como os principais meios de se manter lúcido no cotidiano. A humanidade abraça esses métodos para não se perder ao longo desse caminho, porém essa ação apresenta alguns riscos, pois servem de alimento para um ciclo vicioso.

Em contrapartida a isso, Schopenhauer acredita que existem formas mais saudáveis de conviver em sociedade do que sempre consentindo o

desejo da vontade, pois dessa forma veríamos os outros seres humanos apenas como um objeto entre nosso caminho para a satisfação, para ele devemos nos libertar da vontade e desse modo reprimir nosso sofrimento.

No que concerne ao conteúdo acerca da sociedade contemporânea explanamos as ideias de Bauman e de Sartre de forma a esclarecermos alguns pontos indispensáveis em suas obras para uma melhor compreensão do desenvolvimento da relação entre os indivíduos e a felicidade ao longo da contemporaneidade.

Engajando-nos a pensar sobre a felicidade e sobre como é possível ter uma vida feliz, é comum enfrentarmos uma dúvida peculiar: qual o sentido da vida? Durante o início do século XX, uma resposta que ganhou popularidade, a de que a vida não tinha sentido algum. É fácil entender o porquê de essa ideia ser tão popular na época, enfrentando diversas crises e testemunhando os horrores da primeira e segunda guerra mundial. Dado isso, dificilmente chegar-se-ia em outra conclusão, senão a de que nossa existência é ausente de sentido, ou de um propósito que nos trouxesse ordem.

Em meio a esse contexto histórico, se popularizou um movimento literário e filosófico conhecido como Existencialismo, como consta na Enciclopédia de Filosofia de Stanford (Stanford Encyclopedia of Philosophy): "O termo foi explicitamente adotado como uma descrição feita por Jean Paul Sartre de seu próprio trabalho, e através da vasta disseminação da literatura pós-guerra. O existencialismo tornou-se identificado por um movimento cultural que prosperou na Europa nas décadas de 1940 e 1950" (STEVEN CROWELL, 2016, tradução nossa).

Sartre foi bem familiarizado com a angústia da época, como pode ser visto no seu livro *Diário de uma guerra estranha* (2005), chegou a servir ao exército francês durante a segunda guerra mundial, e nesse tempo desenvolveu muito seu caráter político. Boa parte das obras pelas quais Sartre é reconhecido foram escritas durante a guerra, e foram popularizadas nas décadas posteriores, por exemplo, o romance *A Náusea* escrito nos pretextos para o início da guerra, em 1938, e sua produção filosófica *O Ser e o Nada* em 1943. Através de seus textos, é possível indicar algumas ideias recorrentes, que nos dão indícios de como Sartre pensava sobre a felicidade, e o papel dela na vida humana.

Para entendermos a filosofia existencialista sartreana, e percebermos o que ela pode nos esclarecer sobre a felicidade, precisamos compreender uma ideia chave, apresentada na obra *O existencialismo é um humanismo*, que se torna um lema dos existencialistas: "A existência precede a essência". Essa ideia vai contra uma linha de pensamento filosófica que vinha desde Aristóteles, o essencialismo.

Na obra Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos (DOMINGUES et al., 2005) é dito que o essencialismo é "A tese de que os particulares têm propriedades que não poderiam deixar de ter sem cessar de existir" (DOMINGUES et al, p. 271). Ou seja, toda coisa tem características que são necessárias para ela poder ser o que é, e essas características são antecedentes necessários para poder existir esse algo. Neste pensamento, ser uma pessoa é algo que possui significado em sua essência, existem características essenciais que pessoas possuem que justificam sua existência. Ao dizer que a existência precede a essência, Sartre implica que não há nada anterior a existência de alguém, que possa justificar ela. Para Sartre, nascemos sem significado algum, nossa existência não surge com qualquer sentido nem propósito, e a única forma de justificarmos nossa existência, é através dela própria.

Através de seu nascimento sem propósito, começa a busca do indivíduo por um sentido para sua vida, procurando a resposta pelo mundo, mas o próprio mundo também é ausente de sentido, e não possui resolução para essa agonizante busca. No romance *A Náusea*, o personagem principal e narrador, Antoine Roquetin, se encontra em um estado perturbador, sua visão do mundo mudou, logo no começo da obra, o personagem busca explicar o que havia mudado e diz: "Por exemplo, eis aqui um estojo de papelão que contém meu frasco de tinta. [...]. Pois bem, é um paralelepípedo retangular [...] é tolo, não há o que dizer a respeito" (2015, p. 11). Percebemos nesse trecho que o personagem não vê mais o objeto pela sua função ou propósito, ele o vê como algo insignificante, desinteressante. Roquetin passa a considerar que esse pensamento é mais que uma simples percepção do mundo "Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência".

Ao decorrer da obra, o protagonista passa a negar importância de sua existência, ou algum propósito dela, dizendo em um momento: "Sempre me apercebera disso: eu não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, uma planta, um micróbio." (2015 p. 117) O estado de contemplar o vazio da existência e de todas as coisas, nomeado por ele como "Náusea" passa a lhe trazer nojo e aversão da existência, em um momento Roquetin escreve: "É da existência que sinto medo" (p. 213) Por fim, lhe surge um pensamento um pouco esperançoso, o de que talvez possa purificar-se do pecado de existir, justificar sua existência (2015, p. 235) produzindo algo que estivesse acima da própria existência, e então Antoine Roquetin contempla a ideia de se tornar um escritor, como uma forma de tornar sua existência válida (2015, p. 236).

O personagem passa então por diversas etapas até se tornar uma espécie de existencialista, começa desprezando a ideia de sua existência possuir qualquer propósito, se sente desamparado e perdido quanto a isso, mas no fim,

toma para ele próprio um sentido para sua vida. Não surge antes de sua existência, não é herdada, nem mesmo encontrada no mundo ou nas existências que o habitam, a essência do indivíduo parte da consciência, do comportamento e das decisões dele.

Existindo sem sentido intrínseco a sua existência, em um mundo também ausente de sentido, o indivíduo deve então buscar justificar sua existência por si só, não há um caminho determinado para ele seguir, ele deve escolher o seu, e um dos grandes desafios que ele vai encontrar, segundo Sartre, é que ele tem tantas possibilidades de caminho, que a tarefa de decidir qual percorrer se torna perturbadora, em sua obra *O ser e o nada*, Sartre escreve: "Ser livre é estar condenado a ser livre" (p. 183) Ou seja, o sujeito, nunca escolher ser um ser livre, mas justamente por sê-lo, deve fazer suas escolhas por si. Podemos concluir – com isso – que, buscando ter uma vida satisfatória, o indivíduo – para Sartre – precisaria perceber que não há nada que preencha sua existência, antes que ele mesmo a preencha. O indivíduo deve então buscar preencher e justificar sua existência ele mesmo, sozinho, sendo seu próprio guia.

As relações na sociedade líquido-moderna para Bauman são efêmeras, inconstantes e fluidas. Os indivíduos ao buscarem desenvolver relações saudáveis que possam durar e que não sejam danosas acabam por criar vínculos superficiais. As pessoas desenvolveram hábitos consumistas, tornando-as menos propícias a visão da satisfação. Para Bauman o alcance da felicidade na contemporaneidade é uma tarefa bastante difícil, e que beira a impossibilidade, pois o próprio modo como os indivíduos buscam alcançá-la é contraditória ao sentimento. A sociedade se viciou no modo fácil de saciar os seus desejos, o consumismo que aflorou após séculos de evolução dos modelos de produção transformou os indivíduos em devoradores de produtos industrializados, que buscam se sentirem completos por meio da materialização dos seus desejos.

Casas, carros e celulares se tornaram formas de saciar as vontades dos indivíduos contemporâneos e um modo para que eles se sintam inseridos na sociedade que por sua vez propaga uma mensagem de descarte e renovação desses bens materiais. Sem essa característica uma sociedade de consumo não pode existir, esse modo de busca de realização material é análogo à busca pela felicidade de modo que a plenitude desse sentimento é impossibilitada de ser conquistada, pois é uma característica essencial da sua busca a renovação do que se foi alcançado sendo assim o indivíduo nunca estará saciado.

As grandes instituições da sociedade moderna também devem se modificar para que possam manter-se no topo. As relações sociais ao se tornarem mais fluídas não permitem a perpetuação de tradições ao logo do tempo, desse modo as instituições devem de adaptar aos

valores da sociedade caso contrário a perda de poder é inevitável.

Conclusões:

A partir da discussão das obras analisadas e dos pontos característicos da sociedade contemporânea, obtivemos uma maior compressão acerca da felicidade e sua relação com a sociedade durante os períodos históricos já mencionados. Desse modo, vemos de forma mais clara como se deu o desenvolvimento do pensamento contemporâneo em torno desse sentimento e compreendemos as características base desse processo.

Em compensação, entender as características do desenvolvimento dessa relação é um procedimento complexo, que ainda mantém pontos obscuros, os quais necessitam de uma abordagem mais ampla e de um maior embasamento bibliográfico. Outra questão apresentada é que ao elucidar o caminho percorrido ao longo do desenvolvimento desse vínculo por meio da análise das obras de alguns pensadores, há riscos de que suas obras não demonstrem similaridade com o pensamento da sociedade, de modo que os pensadores resguardem suas ideias quase que unicamente em sua experiência individual. Para evitar esse problema, ampliamos a abordagem do estudo não somente as obras apresentadas, mas também a uma análise da humanidade ao longo do passar do tempo.

Vemos então que a relação entre a humanidade e a felicidade tem um caráter efêmero, que por sua vez colabora com a condição de insaciabilidade presente durante a contemporaneidade, de modo a criar uma corrida infinita e contraditória em torno da busca por esse sentimento. Já que por sua vez, a felicidade plena é impossibilitada tanto pelos sofrimentos e dores, inevitavelmente presentes na vida terrena, quanto pela impossibilidade da saciedade do indivíduo contemporâneo danificado pela sociedade de consumo. Ainda em decorrência disso, cria-se um mercado em cima dessa corrida pela felicidade onde as grandes indústrias e a mídia lucram com a venda de produtos e criam uma sociedade viciada em obter prazeres efêmeros que prejudicam tanto a obtenção de uma experiência individual real em torno do sentimento quanto à possibilidade de uma maior compreensão em relação a ele, perpetuando a desilusão em torno desse sentimento.

Referências Bibliográfica:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CROWELL, Steven, "Existentialism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: '<<https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/existentialism/>>'. Acesso em: 17/08/2017.

DOMINGUES, Ana Cristina et al. **Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos**, Brasília: Martins Fontes, 2005.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore, São Paulo: UNESP, 2002.

SARTRE, Jean Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **Diário de uma guerra estranha**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues, Círculo do livro: Curitiba, 2005.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. Tradução de José Souza de Oliveira, São Paulo: Edipro, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação**. Tradução Wolfgang Leo Maar, São Paulo: Abril Cultura 2010.

SENECA, Lúcio Aneu. **Sobre a ira/Sobre a tranquilidade da Alma**. Tradução José Eduardo S.Lohner, São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2014.